

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Lismar Antônio Alves Santos Vilela

**FOTOGRAFIA E FORMAÇÃO DE SI
MEMÓRIA, NARRATIVA E DOCÊNCIA.**

Belo Horizonte
2018

Lismar Antônio Alves Santos Vilela

**FOTOGRAFIA E FORMAÇÃO DE SI
MEMÓRIA, NARRATIVA E DOCÊNCIA.**

Dissertação em formato de Artigo com proposta pedagógica apresentada ao Curso de Mestrado Profissional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em ArtesVisuais.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientadora: Rosvita Kolb Bernardes.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2018

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

Vilela, Lismar, 1968-

Fotografia [manuscrito] : memória, narrativa e docência / Lismar
Antônio Alves Santos Vilela – 2018.
44 p. : il.

Orientadora: Rosvita Kolb Bernardes.
Dissertação em formato de artigo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Belas Artes.

1. Fotografia – Narrativas pessoais – Teses. 2. Arte – Estudo e
ensino – Teses. I. Bernardes, Rosvita Kolb. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD 707

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Mestrado Profissional em Artes

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fotografia e formação de si

LISMAR ANTÔNIO ALVES SANTOS VILELA

Trabalho de Conclusão submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, em rede nacional, como requisito para obtenção do grau de Mestra em ARTES, área de concentração ENSINO DE ARTES.

Aprovado em 31 de julho de 2018, pela banca constituída pelos membros:



Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes
UFMG



Profa. Dra. Lucía Gouvêa Pimentel
UFMG



Prof. Dr. Geraldo Freire Loyola
UFMG

FOTOGRAFIA E FORMAÇÃO DE SI: MEMÓRIA, NARRATIVA, DOCÊNCIA.

Lismar Antônio Alves Santos Vilela¹

RESUMO:

O presente artigo narra o percurso histórico de um professor desde sua infância com seu pai artista, a máquina fotográfica herdada, a experiência com a fotografia profissional e sua formação como professor/artista e sua eterna curiosidade com a fotografia analisa os resultados de trabalhos feitos com fotografia com os alunos do Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual Boa Vista, na cidade de Contagem/MG, no ano de 2017. Alunos que tiveram uma oportunidade de descobrir a fotografia e sua história, e usá-la como um meio expressivo, representando a escola e seus espaços de convívio, suas relações sociais e afetivas, a natureza que cerca etc. Fotografar a escola, para além do habitual, mostra que os alunos têm um potencial criativo com um objeto de uso habitual, a câmera fotográfica.

Palavras-chave: Arte. Narrativa. Fotografia. Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT:

This article tells the historical background of a teacher from his childhood with his father artist, the photographic machine inherited, the experience with professional photography and his training as a teacher / artist and his eternal curiosity with photography, analyzes the results of work done with a photograph with elementary and middle school students from the State School Boa Vista in the city of Contagem / MG in the year 2017. Students who had an opportunity to discover photography and its history, and use it as an expressive medium representing the school and their social spaces, their social and affective relations, the nature that surrounds them, etc. Shoot the school, beyond the usual, show that students have creative potential with an object of habitual use the camera.

Keywords: Art. Narration. Photography. Teaching/learning.

¹ Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, Graduado pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola Guignard, (UEMG/2005), Especialista em Ensino Das Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/2005), Mestre Profissional pela (UFMG/2018).
E-mail: professorlismar@hotmail.com

1 INÍCIO DE CONVERSA: COM OLHOS DE MENINO

Pois um acontecimento é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do finito, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. Walter Benjamin

O menino estava lá, debruçado na janela, a olhar a paisagem. Aquele dia estava chuvoso, raios caíam no campo lá do outro lado, onde só havia terra vermelha e árvores. Ele estava deslumbrado com aquilo, resistindo aos apelos da mãe que pedia para fechar a janela, porque ela morria de medo de chuva. Essa cena virou tema de uma pintura em uma pá de lixo na aula de Arte, presente no dia das mães. Esse presente ficou guardado por muito tempo, até que um dia, o menino viu seu presente apodrecer na ferrugem de tanto uso.

Esse menino adorava a noite e, às vezes, a passava em claro. Um dia, viu a lua cheia, que o deixou apaixonado; não entendia por que a lua era tão iluminada, e isso, também, virou tema muito explorado em seus desenhos e pinturas. Em uma noite, resolveu que queria ser astronauta e, na sua inocência, queria era mesmo conferir porque lá tinha luz. Via todos os noticiários da época sobre astronautas e o espaço, assunto que o impressionava, e suas paisagens passaram a ser estelares. Em seus desenhos, o menino já morou como astronauta em vários tipos de planetas e bases espaciais, que eram replicados em todos seus cadernos; o foguete Apollo 11 teve mil versões, suas bases espaciais eram construídas em mil tipos de planetas e dezenas de tipos de galáxias, desenhava em todo tipo de papel, sem preconceito dos suportes que aceitavam, como muita paciência, sua imaginação.

Seu pai era um homem rigoroso e muito sistemático, mas tinha bom humor; vivia falando que, para ser astronauta, o menino tinha que virar engenheiro, tinha que estudar muito, “que isso e que aquilo”. Homem de muitos talentos que, além da elegância, era professor de Contabilidade, colecionava selos, caixas de fósforos, álbum de figurinhas, canecas de chope, moedas, adorava fotografar com uma câmera Agfa isola 120mm, de 1957, objeto que, na época, era proibido colocar as mãos, e deixava o menino muito curioso de como funcionava, o que fazia; seu pai a guardava muito bem escondida, em algum lugar ultrassecreto. Dias depois, aparecia com resultado, as fotos que tirava do menino e seus irmãos; a maioria se perdeu nas mudanças, mas, com o tempo, o menino recuperou algumas fotos que

ainda guarda com zelo e cuidado.



Figura 1 - Câmera fotográfica Agfa Isola, Acervo pessoal.

O mais fascinante: seu pai era pintor. Tinha transformado a antessala de jantar em ateliê de pintura, lugar proibido quando estava pintando; o menino, por várias vezes, foi seu modelo. Entre tantos irmãos, seu pai o escolheu; fazia poses sob ordens severas e técnicas, e seu pai, em uma observação metódica, o desenhava. Uma vez lhe deu uma faca de caça e o posicionou. O menino ficou imóvel por alguns longos e infinitos minutos; quando foi liberado da difícil pose, correu para ver o que o pai tinha desenhado: era o esboço de um índio caçador, pintura que nasceu em seguida.

O menino ficava a observar a mágica mistura que o pai fazia com aquelas tintas, a maneira como fazia e criava imagens fascinantes, nascidas daquelas tintas que tinham um cheiro que o menino guarda até hoje em sua memória como um perfume raro e caro. Via seu pai colocar tinta na paleta e misturar com seus pincéis de madeira escura, como o pai tocava na tela, retocava, detalhava suas pinturas lindas, mágicas e enigmáticas.

Seus temas eram variados e incluíam cavalos, casas, fazendas, marinas, tempestades em alto mar, navios... Hoje o menino entende que o pai era um tipo de pintor Naif, aprendeu tudo sozinho, nunca frequentou um curso sequer de pintura.

Isso foi na década de 1970, mas o tempo e as pessoas mudam. Um dia, seu pai partiu e o menino não viu mais seu pai pintar; aliás, via seu pai muito raramente, até que, um outro dia, recebeu a notícia de que nunca mais iria ver seu pai.

2 O MENINO SEGUE VIAGEM: O QUE OLHA?

Início este texto inspirado nas minhas memórias de infância, da minha relação com a fotografia aprendida com meu pai, ao longo da minha vida. Olho para ele, para mim.

Trago para reflexão e partilha, como objeto da minha pesquisa, um relato de experiência vivido por mim, como professor de Arte, no Ensino Fundamental na cidade de Contagem-MG.

O presente trabalho tem a intenção de tomar como eixo a formação do professor e o seu fazer docente com a arte. Parto da ideia de que é possível pesquisar o cotidiano e se constituir um pesquisador da sua própria prática. Sigo, trazendo como objeto de investigação, a minha prática docente com a fotografia, com a qual busco me colocar como sujeito, protagonista do meu percurso pessoal e profissional em um diálogo com as minhas ações e pensamentos na escola, na vida.

Alguns autores, como Larrosa (2003), Dewey (2002), Delory-Momberger (2000) e Barbosa (1998, 2002, 2006) têm me servido como bússola para narrar e criar um caminho próprio, falar o vivido com a arte na escola. Nesse trajeto, muitos questionamentos têm me acompanhado sobre qual a importância da Arte para os alunos do Ensino Fundamental. Como pensar e escolher conteúdos de arte que dialoguem diretamente com a história de vida dos alunos? Como e o que trazer para dentro da escola e para a sala de aula sobre arte que dialoga com a realidade dos alunos e da escola? Que seja flexível provoque pontes, partilhas e encontros com a cidade, com a comunidade e singularidade do universo dos alunos e da escola básica? Como pensar ensino de Arte nos tempos de hoje? São perguntas centrais que permeiam meu caminho.

Ao debruçar-me sobre a escrita do meu texto, voltam, com todas as forças, as imagens do meu encontro, ainda criança, com o meu pai. O seu encantamento, seu entusiasmo com a pintura e a fotografia me acompanham até hoje na minha trajetória docente. Foi no encontro com ele que tive o prazer de conhecer como

funciona uma máquina fotográfica. Ele me apresentou, nos mínimos detalhes, o seu processo e a sua técnica. Talvez venha, desse tempo, a minha paixão pela imagem, pela fotografia e pela arte incorporada na minha prática docente desde 2006.

Nesses últimos anos, muitos questionamentos têm me acompanhado nessa caminhada docente com a arte: que professor de Arte eu sou? Sobre que bases construir um caminho teórico-metodológico e filosófico para sustentar o meu ser professor? Como significar e ressignificar o meu caminho docente quando estou diante de uma sala de aula com 45 alunos? O que faz sentido para eles quando falamos, pensamos e fazemos arte? Quais seriam as histórias dos 45 alunos? De onde vêm, que caminhos percorreram até aqui e que caminhos poderão percorrer? Impulsionado pela ação do rememorar, trago como reflexão e partilha alguns fragmentos de uma experiência com o ensino de Arte na Escola, focado na fotografia.

3 O MENINO SEGUE EM BUSCA DE VESTÍGIOS

“A imagem está [...] sempre ligada, geralmente, profundamente, a um sujeito, um “eu” a suas ações, condições e percepções, a suas singularidades infinitas”.

André Rouille

Carrego comigo algumas fotografias de minha família e do meu pai. É a única coisa que ainda tenho guardado deles, além da máquina fotográfica que herdei no dia em que saiu de casa. Envolvido na escrita deste texto, procurei por mais imagens, fotos, álbuns de fotografia da família. Procurei, por vários dias, em caixas, gavetas, armários, por indícios de alguma fotografia que pudesse me revelar ou testemunhar um pouco a minha história. Do passado, da infância, achei apenas algumas fotografias que meu pai tirou, as quais testemunham parte de minha história familiar.

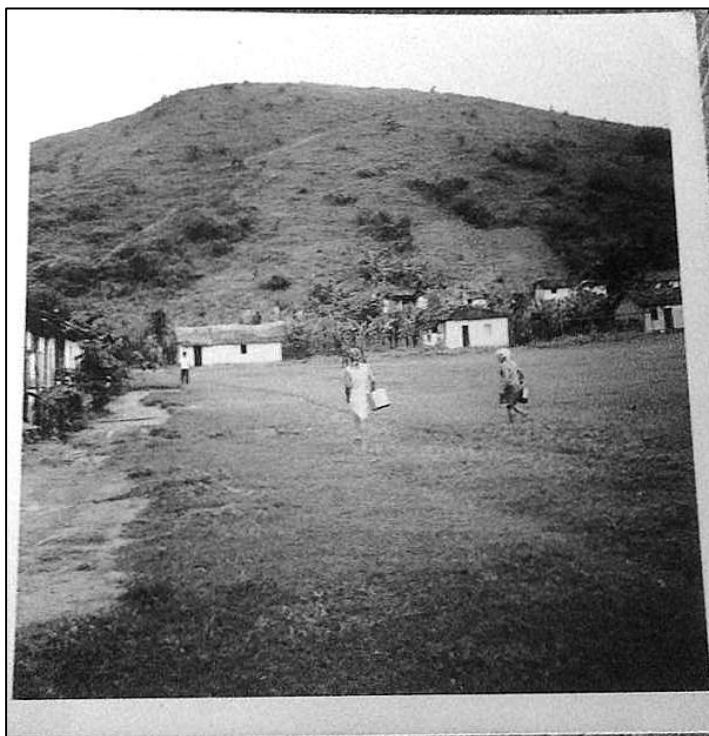


Figura 2 – Mãe e Avó, Cidade de Naque/MG. Década de 70, foto registrada pela Câmera Agfa isola, Acervo Familiar.



Figura 3 – Meu pai em São Paulo, década de 50. Foto registrada pela sua Câmera Agfa Isola, Acervo familiar.

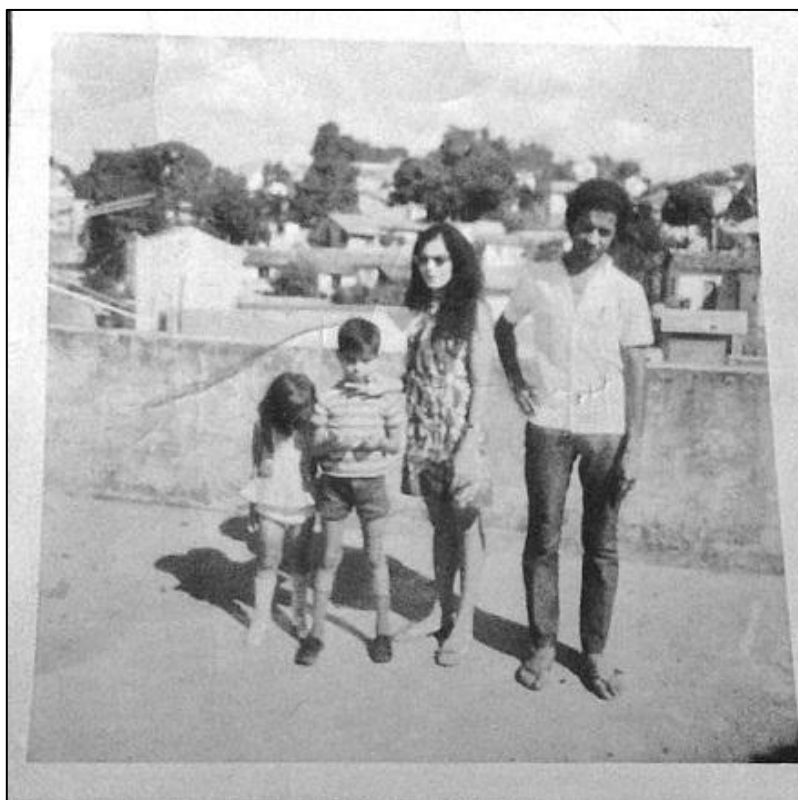


Figura 4 – Mãe com meus irmãos mais velhos e meu Tio Ramos. Década 70, no terraço da residência a rua Jacuí, Bairro da Concordia, BH/MG. Foto registrada pela sua Câmera Agfa isolata, Acervo Familiar.



Figura 5 - Meu pai, na década de 70, na janela de seu escritório, na rua dos Caetés, em Belo Horizonte. Foto registrada pela sua Câmera Agfa isolata, Acervo pessoal.

Assim sendo, vejo que as fotografias sobrevivem após a partida física dos seus representados. O que fica é um elo afetivo na memória, ao passo que o momento

registrado é único e não será repetido jamais e mesmo que o protagonista daquela fotografia envelheça ou mesmo desapareça e os cenários mudem ou se apaguem, a fotografia é peça única que sobrevive ao tempo (KOSSOY, 2005). Meu pai se foi, os cenários mudaram, mas algo nasceu em mim: o desejo pela fotografia, entendê-la, realizá-la, trabalhar com ela e, talvez, viver dela.

Ao olhar para a fotografia tive a impressão de que estava olhando para um espelho. Um espelho que me apontava quem eu sou. Para Susana Sontag (1986), fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Ela atesta que as imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas, sim, fragmentos, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir. Gosto de pensar sobre a ideia que Delory-Momberger (2000) aponta, quando destaca que, durante muito tempo, o álbum de fotografias de família foi uma garantia da memória familiar. Um testemunho em imagens de histórias vividas, esquecidas. Memória. As fotografias têm um efeito de “presentificação” das nossas lembranças, quando revejo nas imagens, revivo a cena que me fez sentir evocando uma lembrança, um sentimento, uma impressão.

Ao olhar um álbum antigo de família, sou afetado por uma memória afetiva. É uma memória que envolve emoção, ativa o afeto, trazendo para mais perto de uma memória imaginativa e sensorial. Segundo Marc Tadié (1999, p. 175), “combinar estes três tipos de memória leva a construir lembranças imaginárias, porque elas chegam a formar a realidade da memória e da história”. A memória é fragmentária e as fotografias vêm, às vezes, para preencher vazios, espaços de silêncio e esquecimento. Então, o que significa olhar uma fotografia? Como olho para as fotografias que compõem a minha história de vida? O que elas me revelam, me contam? Vestígios de uma infância? Como seguir com elas? O que fazer com tudo isso? As respostas podem mudar com o tempo o importante e não dar uma resposta e sempre estar investigando a respostas diferentes para momentos diferentes, o que faço hoje e levar essas fotos para sala de aula e discutirmos o poder da memória que elas trazem.

4 O MENINO, A ESCOLA E A FOTOGRAFIA

Trago, aqui, para reflexão, como objeto da minha pesquisa, a minha experiência com a fotografia, como professor de Arte. Paixão que nasceu ainda menino, no encontro

com o meu pai e que, hoje, transformou-se em objeto de busca, de investigação no meu caminho na docência artista.

De menino transformei-me em professor de Arte na Escola Estadual Boa Vista, localizada no Bairro Kennedy, cidade de Contagem-MG. Escola onde acompanho três turmas do Ensino Médio e três turmas do 9º ano e do 8º ano, no Ensino Fundamental. Assim como na maior parte das escolas, cada aula tem a duração de 50 minutos, em turmas de 35 a 45 alunos.

Trabalhar com a fotografia nessas turmas foi uma escolha. Uma escolha ancorada na minha história de vida, em que percorro diferentes caminhos e possibilidades. Adapto ideias e busco por referências teóricas que fazem sentido para mim e para meus alunos.

Escolho Ana Mae Barbosa como primeira parceira. Através da Abordagem Triangular (2005), tenho a possibilidade de me aproximar de caminhos que me levam pela apreciação estética, pela fruição, contextualização e fazer arte.

A leitura do texto “O instante decisivo” (1957), de Henry Cartier Bresson, aproxima-me de questões sobre a composição, sobre o ato intuitivo de fotografar. O autor destaca que o único compasso que o fotógrafo tem são os próprios olhos.

O único compasso que o fotógrafo tem são seus próprios olhos. Qualquer análise geométrica, qualquer redução da foto a um esquema, só pode ser feita - pela sua própria natureza - depois que a foto já foi tirada, revelada e ampliada. E aí, ela só pode ser usada para um exame "post-mortem" da cena. (CARTIER BRESSON, 1952, p. 20).

Outro autor que faço um diálogo direto com o meu trabalho é Roland Barthes (1915). Ele fala que a fotografia partilha a história do mundo, “a foto pode mentir quanto ao sentido da coisa, na medida de sua natureza tendenciosa, cheia de intenções, mas jamais quanto a sua existência. A fotografia partilha a História do mundo” (CÂMARA CLARA, 1984, p. 31)

Charlotte Cotton, em seu livro “A Fotografia como Arte Contemporânea” (2010), também é fonte inspiradora para o meu trabalho, quando destaca que a fotografia não pode ser compreendida como algo acabado, mas em constante transformação, a fotografia pode ser e deve ser explorada para o além do habitual.

Esses autores, mesmo que ainda de forma inicial, inspiram meu trabalho como fotógrafo, artista e, também, o meu trabalho como docente na Escola Estadual Boa Vista.

4.1 Os primeiros momentos

Estou aprendendo a registrar, a documentar as minhas aulas. Às vezes, é só pela imagem, outras vezes só pela escrita e, às vezes, com a imagem e texto. Tenho um caderno que me acompanha nas minhas aulas. Não é um caderno de artista, mas funciona como um apoio de memória, onde faço minhas anotações, reflexões para repensar e refazer as ideias de hoje, a partir das experiências de ontem (KENSKI, 2003, p. 146).

A professora Cecília Warschauer (1993, p. 61) fala que registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida e que nos permite reler o que foi escrito, desenhado, colado, “com outros olhos”. Envolvido com as minhas aulas abro o meu caderno e releio as perguntas feitas por um aluno durante as minhas aulas:

A fotografia precisa ser interessante para ser vista? Como faço para enquadrar a imagem que eu quero? Hoje na nossa aula de fotografia pensei que às vezes, as coisas são invisíveis para nós. São invisíveis porque não nos interessam. Parece que temos um olhar que vê e não enxerga. Ao voltar para casa, parada no ponto do ônibus, dei uma olhada ao redor, quando observei uma fachada com algumas pichações. Tirei uma foto que diz muito sobre o Brasil que estamos vivendo. Sei que a pichação não é legal, mas quando fala a verdade, continua não sendo legal?
(Anotações do meu caderno de registro).

Mesmo ainda apresentando uma escrita de forma inicial na experiência do registro, as observações, perguntas, inquietações trazidas por esse aluno me levam a questões importantes e que me provocam a pensar sobre o meu caminho com a docência.

A seguir falo da proposta pedagógica e artística vivenciada com a fotografia com turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

4.2 Segundo momento: dizer-se por imagem

Nem sempre tenho clareza de por onde planejar as minhas aulas. Por outro lado, faço um esforço de me aproximar do pensamento de Ana Mae Barbosa, deixando-me inspirar pela Abordagem Triangular.

Comecei a minha aula sobre fotografia, assistindo a um filme sobre a história da fotografia, o qual trata de forma interessante a sua história com imagens da época e como a fotografia nasceu e se desenvolveu.

Nas aulas seguintes, mostrei algumas máquinas fotográficas, inclusive a máquina que ganhei do meu pai. São máquinas que me permitem explorar questões técnicas de funcionamento, permitem que os alunos tenham um contato com um objeto que hoje faz parte da história e de minha história pessoal.

Para dar mais sentido ainda para as nossas aulas, trago, além da técnica, o filme documentário “*close-up* fotógrafos em ação” (2007). Filme do fotógrafo Albert Maysles, que traz a ação de fotografar como uma maneira de se relacionar com o mundo e com o outro. Uma maneira de estarem conectados com história, espaços, tempos, memórias e lembranças. Enfim, os múltiplos contextos que expressam a nossa maneira de ser e viver, ver o outro e se relacionar.

Trabalhar com a fotografia no contexto da escola tem sido uma proposta para as minhas aulas de Arte. Já faz algum tempo que desenvolvo temas que estão diretamente relacionados ao espaço da escola e seu entorno. Assim, propus que o tema dos trabalhos de fotografia fosse a escola, seus espaços, as construções, as relações de amizade, os preconceitos, o espaço da sala de aula.

Iniciamos a nossa ação com uma caminhada pela escola. Um ato simples. Caminhar e olhar. A ideia da caminhada tinha como objetivo mobilizar o corpo e potencializar o olhar e a reflexão. Fazia parte dessa ação deixar-se capturar pelas imagens, espaços, lugares, pessoas, cheiros. O desafio era incorporar, literalmente, o movimento como uma obra. O processo era o elemento central da experiência.

Para Francesco Careri (2015, p. 9), o andar é um ato cognitivo e criativo. É um ato que nos faz caminhar por lugares, silêncios, pausas e vazios. Vazios plenos de

descobertas e de possibilidades. Foi isso que fizemos. Caminhamos uma, duas vezes pelos vários espaços da escola. Uma aluna de 15 anos, que caminhava muito próxima de mim, me perguntava como poderia, através da fotografia, registrar, capturar, temas mais abstratos, como, por exemplo, o tempo. Me disse: “Quero fazer uma foto da raiz da árvore, que fica ali no pátio da escola”. Algum tempo depois, os alunos trazem os seus registros fotográficos, dividem com os seus colegas comentários e observações que se segue abaixo:

“Penso muito naquilo que falamos em sala de aula, que a escola não é só um espaço pra gente aprender, mas é também um espaço de convivência, um lugar pra fazer amizades, um lugar que tem coisas que não vemos, não percebemos.”

“Escolhi, como tema para a minha ação, o tempo; e para dar forma e sentido à minha ideia, eu escolhi fotografar a árvore do pátio da escola.”

“Quero ser como ela, firme cheia de marcas da vida. Bela, em seus detalhes. Resolvi tirar a cor colorida e introduzir o preto e branco no meu trabalho. Acho que assim a fotografia talvez possa potencializar o meu tema escolhido. Sento nas suas raízes que me acolhem e me provocam a pensar sobre mim. É como se ela pertencesse a minha história de vida. Queria ampliar essa foto e colocar na parede do meu quarto para nunca mais esquecer essa imagem.”

Olhar para a produção fotográfica dessa aluna me revela um olhar cuidadoso e observador. Uma sensibilidade estética envolvente. Uma delicadeza.

Seguimos a caminhada pela escola fotografando muito. Não importava a quantidade de fotos. Importava o que e como os alunos capturavam as imagens. Após essa primeira etapa do trabalho, selecionaram e escolheram o que trazer, o que mostrar, nas rodas de conversa de apreciação das fotos.

Cada aluno teve a oportunidade de mostrar, contar da sua experiência, socializar com o outro a sua produção. Foi no encontro da roda de conversa, ação que introduzi recentemente nas minhas aulas, que tive a oportunidade de ouvir e ver de mais perto a produção de cada aluno. Chamo de roda, quando reúno os meus alunos em torno de um objetivo comum, momentos nos quais o diálogo, a escuta, o respeito pelo outro, a reflexão, são nossas ferramentas.

Para Cecília Warschauer (1993, p. 46), “a roda é uma construção própria de cada grupo”. Ela destaca a força que a roda pode ter no encontro de pessoas com diferentes histórias de vida e maneiras próprias de sentir e pensar. Trago a seguir as imagens que foram produzidas durante as aulas e que apareceram na nossa roda de apreciação. Deixei-me levar pelas imagens.



Figura 7 - Foto original



Figura 8 - Raízes e o tempo detalhe,



Figura 9 – Flores ignoradas



Figura 10 – Diversidade e Amizade



Figura 11 – Direitos do aluno

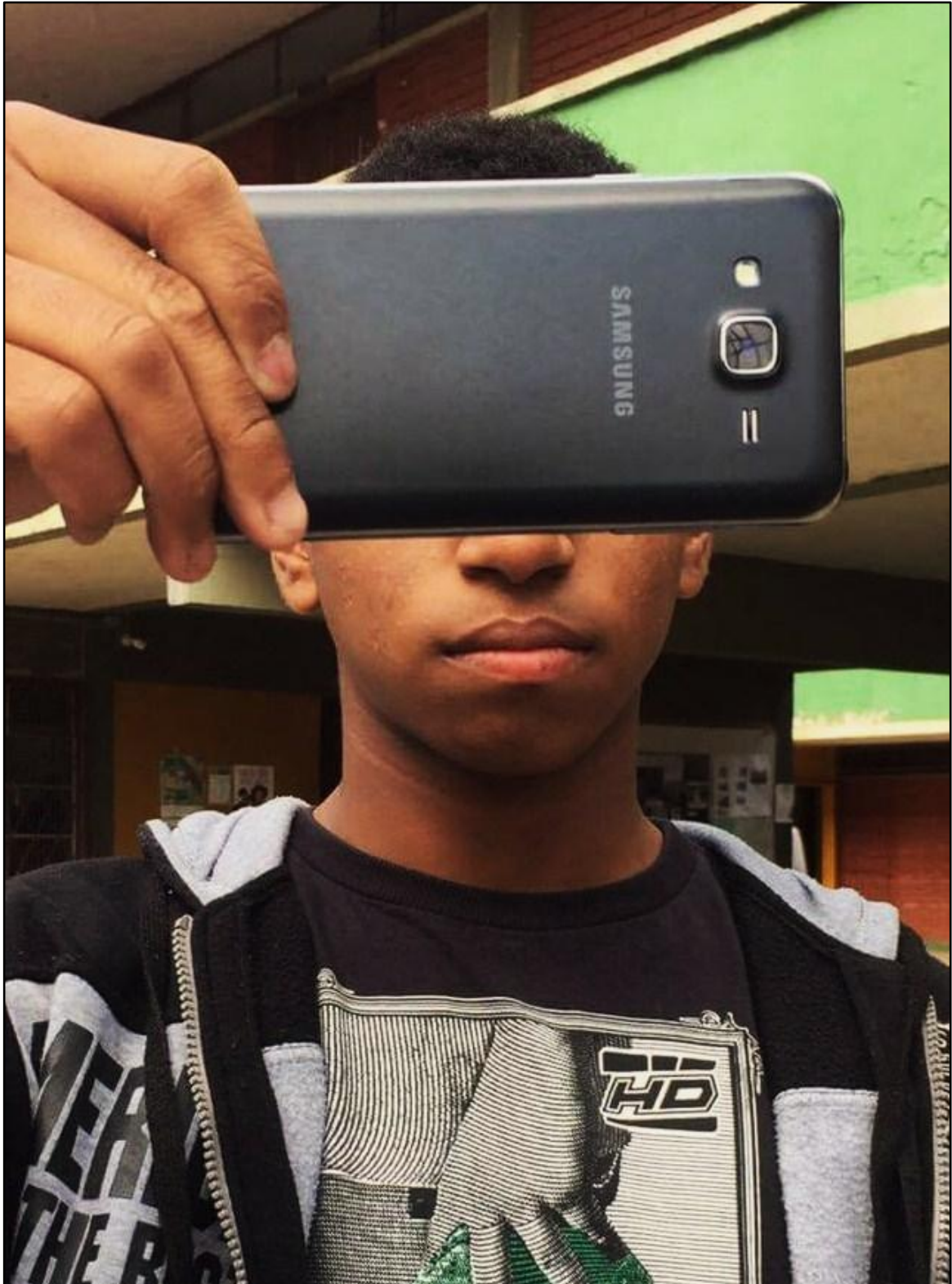


Figura 12 – Incógnita



Figura 13 - Propriedade pública

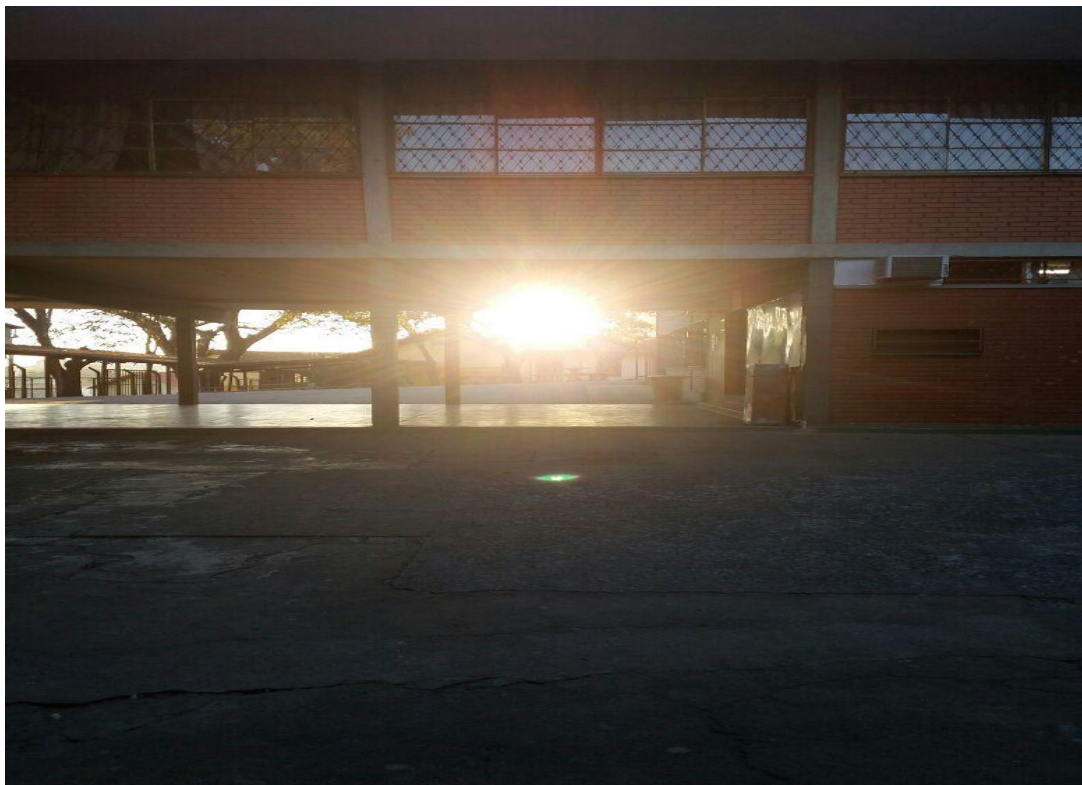


Figura 14 – Sol de cada escola



Fotografía 15 – Estudio de Perspectiva



Figura 16 – Sobreviventes.



Figura 18 – sem título.



Figura 19 – sem título

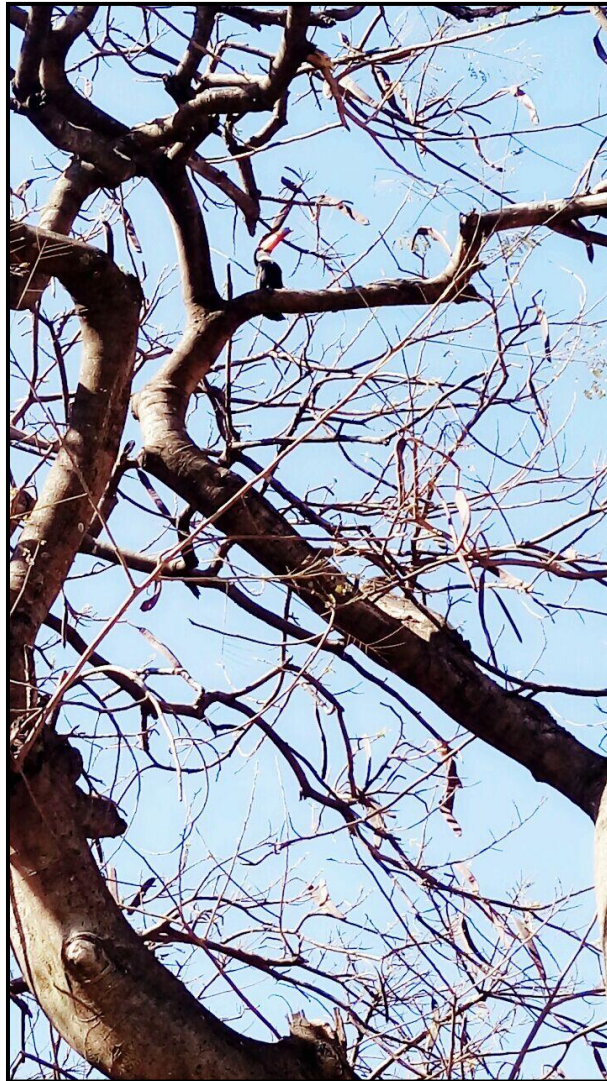


Figura 20 – pose



Figura 21 – Quadro

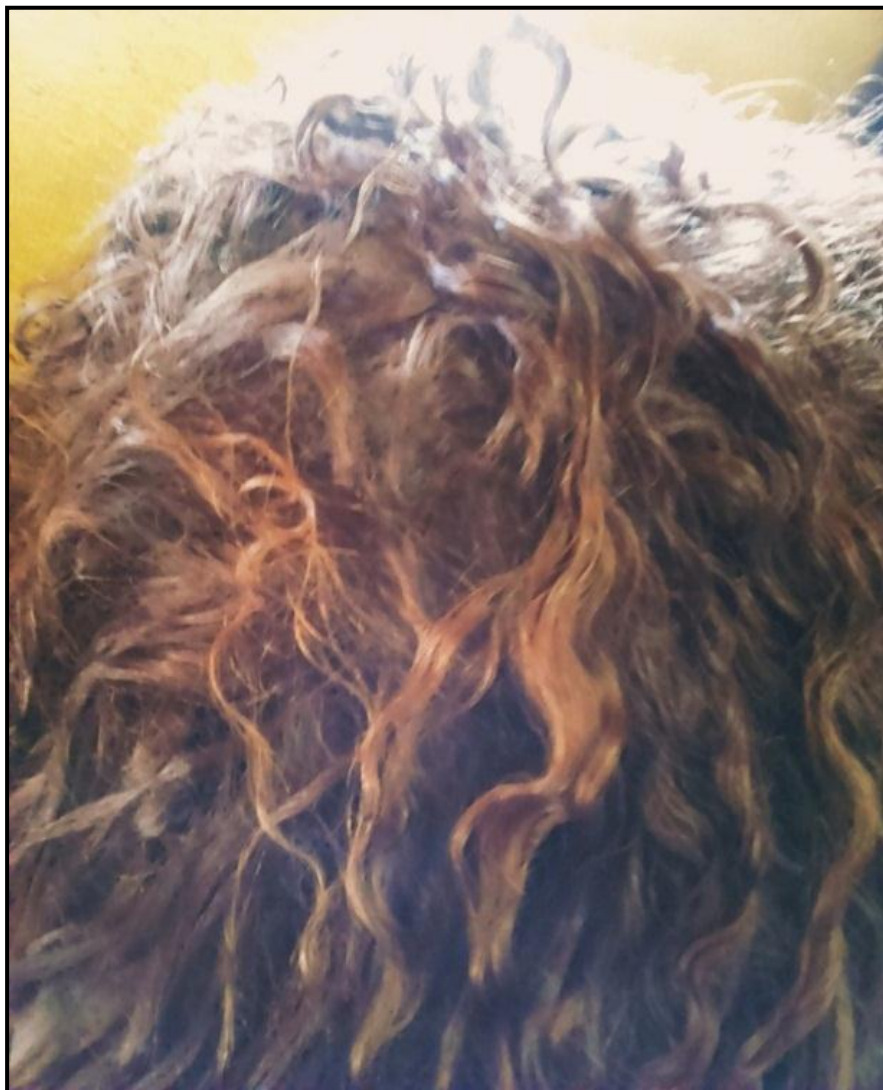


Figura 22 – Fios de pensamento

4.3 Terceiro momento: dizer-se por escrito

Se, no primeiro momento, optei em dizer-se pelas imagens fotográficas, agora era hora de dizer-se por escrito o que foi fotografado. Assim, após olharem, observarem, fazendo os seus comentários do trabalho do seu colega, trouxeram para a roda as suas narrativas escritas. Como sempre, alguns falam muito e outros menos. Alguns são mais quietos, tímidos e outros calados. A aluna quebra o silêncio e começa a ler:

“Não posso falar, não posso ouvir, não posso ver. Sou censurada e sofro na escola por parte de alguns professores que se “acham muito importantes” e de colegas.

Sofro com a falta de liberdade de poder manifestar-me na escola do jeito que quero.”

outra, rapidamente, emenda e diz:

“Meus cabelos são montanhas de pensamento. Acho minha ideia fotografica bem contemporânea, não é, professor? Em vez de tirar de frente o meu cabelo, tiro por trás da minha montanha de pensamento. Só penso em coisas boas por isso meus cabelos são lindos!”

O aluno muda a conversa e fala da natureza.

“A natureza ainda está aqui. Nunca vi um tucano!!! Achava que tinha que ir até a Amazônia pra ver um. Achei bonito de ver um tucano ali grandioso, reinando entre os galhos das árvores da escola. Essa composição, entre galhos, o pássaro, animal e vegetal juntos, parece uma pintura.”

Um outro aluno, que também se sente provocado com a natureza, fala dos galhos das árvores da escola, do céu com fundo azul, texturas e galhos. Victor Gabriel trouxe para a roda uma foto dentro de uma outra foto. Conta do seu processo de fotografar:

“Queria recortar, mas deixei assim, a visão das partes da escola fotografada dentro dessas colunas. Fui observando a geometria das coisas aqui na escola no final da subida da escada.”

Outro aluno, ao ouvir falar da geometria, faz conexão com a sua fotografia: “Lembro de uma aula de perspectiva, e vi que se aplica aqui nessa foto. Acho muito legal ver a escola de um outro jeito e não como uma obrigação. Quero ser arquiteto, e os prédios parecem que tem alma quando você os olha de um outro jeito.”

Um outro aluno traz a ideia do sol, da luz, do nascer de um novo dia. E diz:

“Olho para escola e sinto um vazio. Um vazio que poderia ser preenchido com as nossas histórias, com a imaginação do homem.”

Com reflexões muito próximas, vêm perguntas de um outro aluno, que se questiona sobre a perda de tempo que é ir para a escola:

“Me dói vir pra escola e apreender conteúdos vazios, como matemática, química, pra quê? Nada faz sentido para mim. Será que a escola poderia ser chamada de corredor da tortura? Que temos que atravessar para ser alguém na vida? Gostei da ideia de fotografar. É uma maneira de se expressar sem palavras. Olhei para o chão e vi esse bueiro. Um bueiro que pertence ao esgoto. Foi o que vi.”

Sem saber por onde seguir e olhar, um outro aluno diz que não gostou de nada que via relata:

“Tive dificuldade de escolher fotografar algo que me agradasse. Resolvi dar mais uma volta quando vi algumas flores que estão em um lugar devastado. Eram flores que pareciam que resistiam as pisadas dos meus colegas. Quantas vezes já passei por aquele lugar e nada vi... comecei a achar as flores corajosas e sobreviventes. Fotografar as flores foi como um gesto de resistência de flores esquecidas.”

Já quase no final da aula, um aluno diz que a escola nos permite buscar por relacionamentos de amizade, de companheirismo, parcerias e que, talvez, podem ser para resto da vida:

“Aqui podemos achar também o amor e fazer as nossas primeiras experiências afetivas. Foi aqui que encontrei, meu namorado. Ele me fez pensar e acreditar na força não só do nosso relacionamento, mas também com meus amigos.”

No mesmo caminho das relações de afeto e de amizade, duas alunas se fotografam trazendo, a partir da sua experiência fotográfica, questões sobre a diversidade racial. Dizem que são um pouco de cada uma:

“Eu sou um pouco ela e ela é um pouco eu, de tanto que somos amigas”.

4.4 Quarto momento: o que ressoa em mim?

Está tudo aí. Um pouco de cada um. Como posso olhar para todo o material coletado? Como analisar? O que fazer com tudo isso? O que os alunos me apontam, a partir das suas imagens fotográficas e dos seus textos? Ao olhar novamente as fotos e reler os seus comentários, volta, com toda a força, a minha memória do meu tempo de escola como aluno.

Tive um professor no Ensino Fundamental que me marcou profundamente. Ele levava para escola os seus cadernos de desenhos. Entre uma aula e outra, disfarçadamente, olhava para os seus cadernos. Acho que queria ser como ele. Lembro que ia para casa e tentava desenhar, de memória, os seus desenhos. Talvez, esteja aí o meu encanto com a Arte, com a docência, com esse professor que me marcou profundamente. Muito tempo depois, fui estudar na Escola Guignard, onde outros professores, como Sônia Assis, Tereza Portes, Sônia

Laboriau, influenciaram-me na minha caminhada na docência e como artista.

Não sei exatamente qual a conexão que faço, aqui, com os trabalhos dos alunos, mas a impressão que tenho é de que, quando olho para as suas produções, me revejo no tempo e espaço da escola como um deles. A monotonia da escola me angustiava e a Matemática não fazia sentido para mim. Fui reprovado quatro vezes nessa disciplina.

Ao repensar sobre a minha trajetória escolar, com todas as dificuldades de sobreviver naquele contexto, os encantamentos com a Arte, História e Geografia deram-me linha e fio para seguir. Deram-me linha e fio para seguir na docência e onde tento acolher as histórias de vida de cada um.

Aprendi, com a minha própria história, o que significa resistir aos percalços da vida. Persistir na/com a vida.

O meu caminho metodológico na docência segue por uma escuta atenta, com a intenção de criar um espaço, na escola, para o afeto, para as nossas histórias e memórias.

4.5 Quinto momento: de todos um pouco

Volto o meu olhar para as imagens fotográficas e vejo que está tudo ali. De tudo um pouco e mais um pouco.

Duas alunas trazem o afeto, a amizade que sentem uma pela outra. Uma aluna do oitavo ano busca trazer as questões religiosas em um contexto contemporâneo. O aluno do nono ano traz questões sobre a violência para sua fotografia.

Outro aluno chama atenção para o escutar, falar e ouvir como direito de cada um. Jéssica, com a sua vasta cabeleira, transforma os seus cabelos em pensamentos. Um outro grupo de alunos olhou para a natureza, para o céu azul, as nuvens, as árvores, as flores no pátio da escola. Alguns alunos conversam com o espaço da escola entre paredes, céu e chão. Buscam trazer o sol de cada escola para dentro de nós.

É o sol, o chão, a terra, as árvores, a luz, sombra, os espaços, as relações de afeto,

a violência, as flores, os corredores torturantes, os cabelos, as nuvens, os pensamentos, o portão da escola que me apontam para onde dirigiram o seu olhar durante as aulas. A imagem, a fotografia, a arte podem ser narrativas de si para a constituição de uma formação, como pontua Delory-Momberger (2006, p. 365): “a história de vida não é a história de vida, mas a ficção conveniente pela qual o sujeito se produz de si mesmo. Não pode haver sujeito, a não ser em uma história a fazer e é a emergência desse sujeito que intenciona sua história, que conta a história de vida”.

Penso que são modos de ser, de falar de si, através da imagem fotográfica. O que as imagens que os alunos me trazem me revelam? Qual dimensão estética e poética que as imagens podem me revelar? Como posso amplificar possibilidades nos modos de ser dos alunos com a Arte, na escola, na vida? Ter um olhar atento ao mundo, à vida, às coisas, captando seu momento decisivo?

4.6 Sexto momento: buscar o outro encontrando-me

O menino que começou o seu texto debruçado na janela, continua ali. Encantado com a fotografia, com as imagens e com saudade do seu pai. Deixa-se levar pela saudade que se transforma em desejo de seguir pela fotografia.

Trazer para este texto uma experiência com a fotografia vivida no espaço da escola, durante as minhas aulas de Arte, alimenta-me profundamente no meu processo de criação. Para Lucia Pimentel (2006, p. 311), “o(a) professor(a) de Arte (...) precisa ser um(a) pesquisador(a) constante, ‘de plantão’. (...) O ideal é que esteja em atividade enquanto artista, mesmo que não tenha inserção destacada no mercado de arte(...)”. Talvez eu seja ainda um professor de Arte em constante plantão.

Gosto de ouvir o que alunos me apontam e me dizem sobre o meu trabalho como artista. Finalizo o meu texto com algumas imagens produzidas por mim em 2014, que usei para provoca-los, que entre eles discutam a construção de uma imagem através da fotografia que vá além do convencional.



Figura 23 – Energia - Picturismo digital, Série brincadeiras com a luz de fotografar.
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2014.



Figura 24 – Luz e Energia - Picturismo Digital, Série brincadeiras com a luz de fotografar.
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2014.



Figura 25 – Rosa em Chamas - Picturismo Digital, Série brincando com luz de fotografar.
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2014.

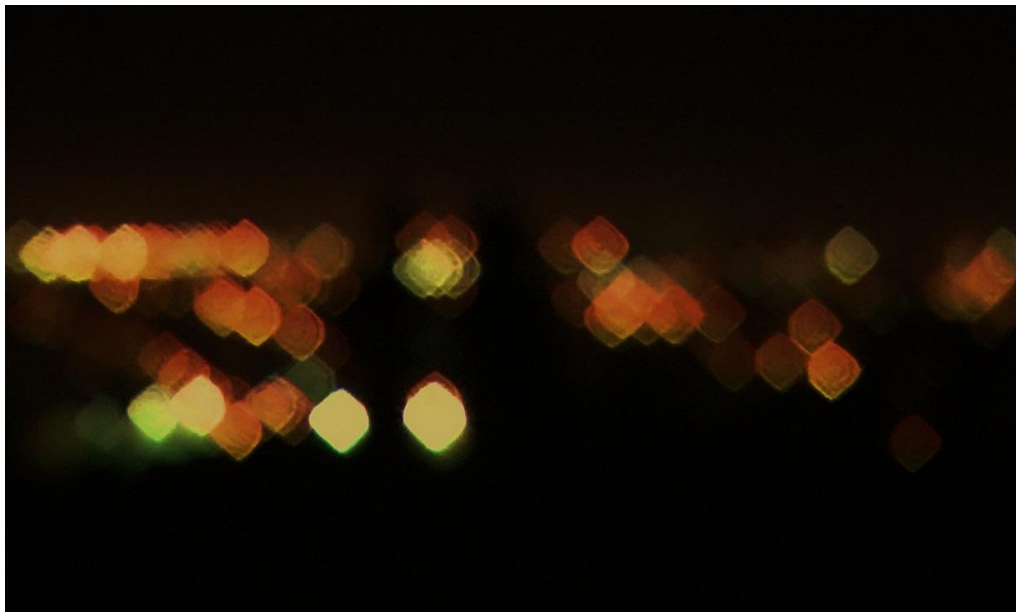


Figura 26 – Tênuê II - Picturismo digital, Série brincando com luz de fotografar.
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2014.



Figura 27 – Tênuê III - Picturismo digital, Série brincando com luz de fotografar.
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2014.



Figura 28 – O que ninguém vê - Lismar Vilela, Série ver x enxergar.
Fonte: acervo pessoal do autor, 2017

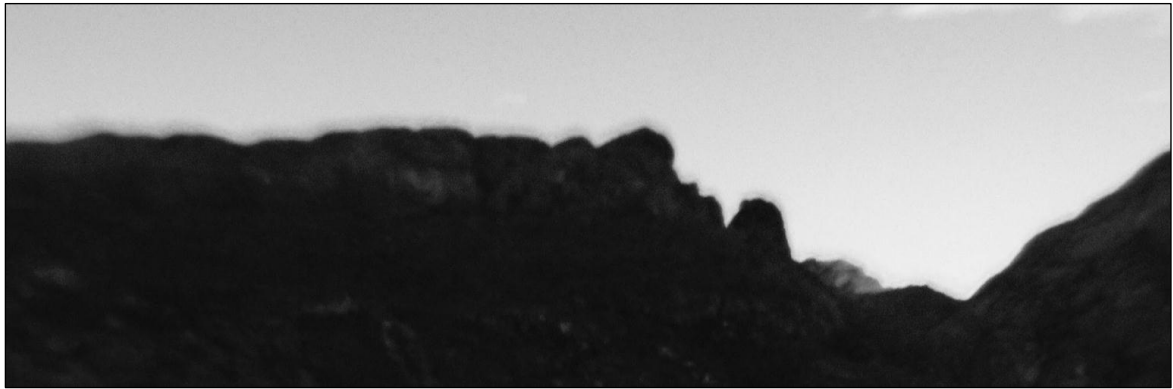


Figura 29 – Caraça difuso - Lismar Vilela, Série Ver x Enxergar.
Fonte: acervo pessoal do autor, 2017.



Figura 30 – Efêmeros - Lismar Vilela, Série ver x enxergar.
Fonte: acervo pessoal, 2017.



Figura 31 - Estrela de ninguém, série ver x enxergar.
Fonte: acervo pessoal, 2017.



Figura 32 - Flor de Ninguém II - Lismar Vilela, série ver x enxergar.
Fonte: acervo pessoal, 2017.



Figura 33 - Paisagem I - Lismar Vilela, série picturismo fotográfico.
Fonte: acervo pessoal, 2017.

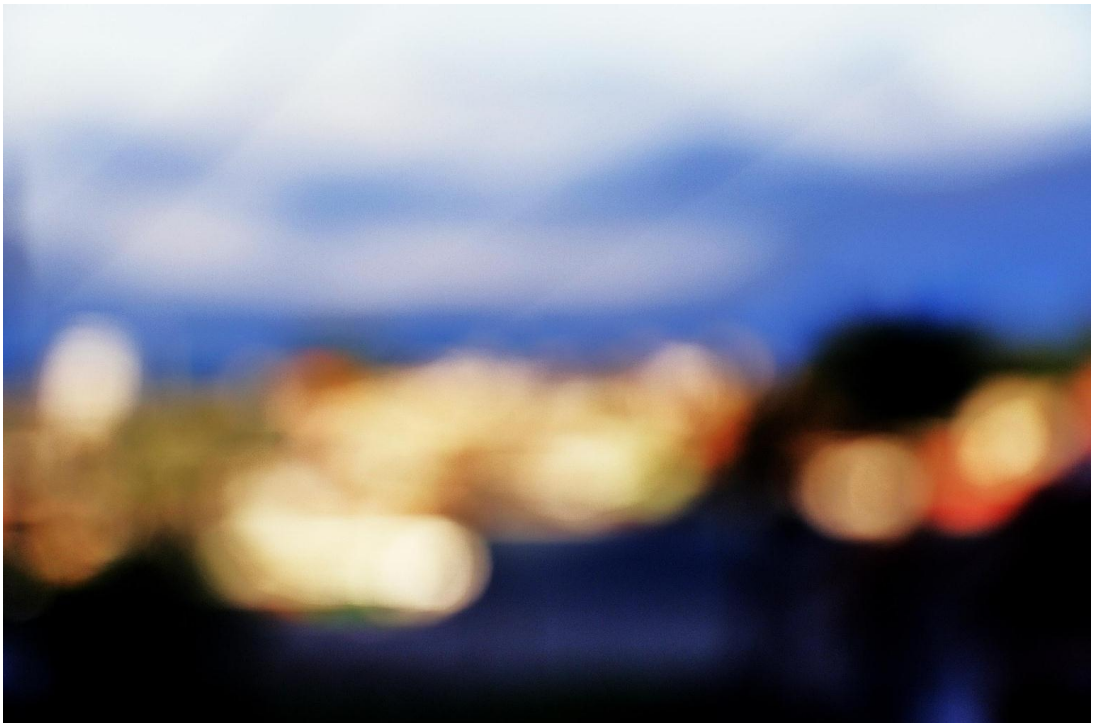


Figura 34 - Paisagem II - Lismar Vilela, Série picturismo fotográfico.
Fonte: acervo pessoal, 2017.



Figura 35 - Eu estou vendo um elefante? - Lismar Vilela, Série texturas.
Fonte: acervo pessoal, 2017.



Figura 36 - Flor no abismo de marte, série texturas.
Fonte: acervo pessoal, 2017

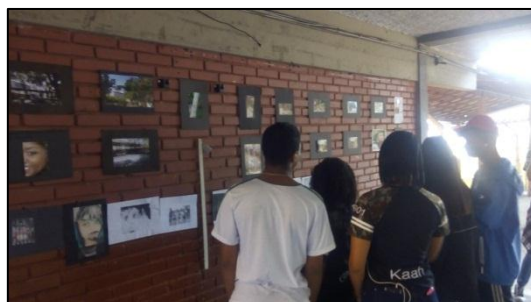
5 Resultados iniciais.

Depois de varias reuniões com os alunos envolvidos no projeto de fotografia, resolvemos fazer uma mostra com uma parte do trabalho para que toda comunidade escolar dos três turnos, assim a comunidade escolar pode apreciar as fotografias que os alunos produziram dentro do espaço escolar, dando retorno a todos e também a seus pais de seus belos e grandes resultados, criamos também um foto livro que foi doado para escola, a escolha das fotografias do foto livro ficaram a encargo de pessoas da escola que não estavam envolvidas com o trabalho como professores, pessoal do escritório, pessoal da cozinha, coordenação, penso que é uma forma de eternizar para escola e os alunos o trabalho feito com tanto esforço pelos discentes, segue alguns registro da mostra e do foto livro.

Montagem da mostra com ajuda de alguns alunos do terceiro ano



Momento de apreciação.



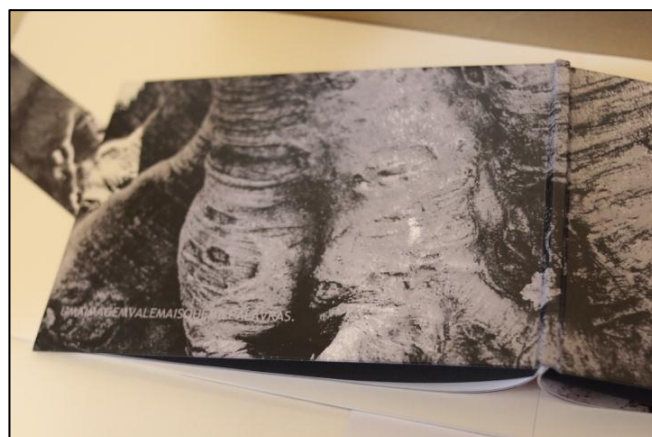
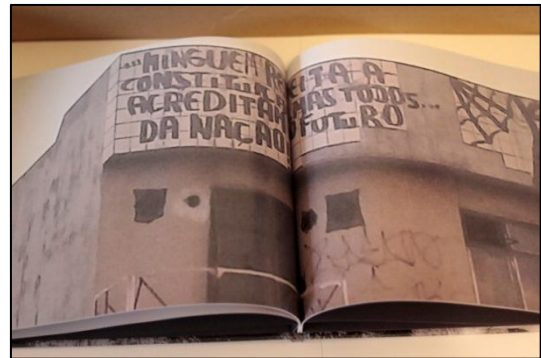
Detalhe do local que escolhemos para nossa mostra de fotografia.



Detalhes de algumas fotografia da mostra.



Detalhes do Foto livro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONDIA, Jorge Larrosa, **Notas sobre a experiência e o saber de experiência, Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas**, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME, Revista brasileira de educação, 2002.

CAMPANHOLI, Julie A. M. **O uso da fotografia na prática docente**. São Paulo: Mackenzie. Revista Pandora, n. 49, 2012.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: andando como prática pedagógica**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2002.

CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza**. Barcelona: G. Gili, 2004.

CAVALCANTE, Cleber. **Construção de uma Câmara escura de Orifício**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/construcao-uma-camara-escura-orificio.htm>. Acesso em: 04 de fev. de 2018.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DELORY-MOMBERGER. **História de vida e pesquisa biográfica em educação**. Paris: Econômica, 2000.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KENSKI, Vani M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2003.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **O Ensino de Arte e sua Pesquisa: Possibilidades e Desafios**. In: FRANCA, Patrícia; NAZÁRIO, Luiz (org.). **Concepções**

contemporâneas da arte. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

REY, Sandra. **A instauração da imagem como dispositivo de ver através.** Revista Porto Arte, Porto Alegre, n. 21, V, I, Jul./Nov. 2004.

ROUILLÉ, André. **A fotografia:** entre o documento e a arte contemporânea. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SONTAG, Susan. (1986). **Ensaaios sobre Fotografia.** Lisboa, Dom Quixote.

TADIÉ, Jean-Yves et Marc. **O senso de memória.** Paris: Gallimard, 1999.

TENDLER, Silvio. **Caçadores da Alma.** Youtube, 12 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FEcnzmtOGd0>>. Acesso em: 04 de jun. 18.

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro:** uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Paz e Terra, 2002.

WEISE, Angélica. **A importância das fotografias,** 17 de junho de 2014. Disponível em: <<http://fastfoodcultural.com.br/a-importancia-das-fotografias/>>. Acesso em: 03 de abr. de 2018.

6. PROPOSTA PEDAGÓGICA: CAPTURANDO IMAGENS

6.1 Objetivo Geral:

O uso da imagem fotográfica no ensino de Artes Visuais.

6.2 Objetivos Específicos:

- Promover o uso da imagem fotográfica no ensino aprendizagem nas aulas de Arte.
- Promover um ensino mediador que propicie meios de os alunos observarem e pensarem sobre seus espaços na escola.
- Contribuir no ensino/aprendizagem das artes visuais, através da fotografia, em que terão o conhecimento da história da fotografia até a contemporaneidade.
- Observar o espaço de convivência escolar, tipos de composição fotográfica na arquitetura e na geometria da escola.
- Buscar ressignificar a história da escola por meio da fotografia.

6.3 Plano de ação

Aula 01

Questionário/diagnóstico:

- a- Sua família tem muitas Fotografias? Quais tipos? Qual você mais gosta?
- b- Quais tipos de fotografia você produz?
- c- Você sabe o que é fotografia?
- d- Você já viu algum tipo de livro ou revista sobre Fotografia? Quais?
- e- Para você, Fotografia é arte?
- f- Cite pelo menos duas funções da Fotografia que você considera serem importantes.

Ao final da aula recolher o questionário/diagnóstico para poder direcionar o trabalho para próxima aula. Trazer duas fotos de sua família de sua autoria ou onde você aparece.

Aula 02

Recolher as fotografias e redistribuir entre os alunos. O dono da foto não pode ficar com a sua.

Ler o texto: A importância da Fotografia, de Angélica Weise, e comentar o texto.

Comentar e socializar as impressões sobre fotografias e como o texto da fotógrafa, Angélica Weise, colabora para a discussão.

Aulas 03 e 04

Caminhar pela escola em silêncio. Observar os diferentes lugares, espaços, cantos que compõem a escola. Em seguida, fazer o mesmo trajeto pela escola, registrando as imagens dos espaços e lugares, com câmeras fotográficas e celulares.

Exibir o vídeo sobre história da fotografia - History Channel.

Debater o filme a partir da experiência vivenciada durante a caminhada pela escola.

Aula 05

Projetar e comentar as imagens dos alunos, feitas na aula anterior, no espaço da escola. Ouvir dos estudantes as suas primeiras impressões: o que vocês observaram em relação aos espaços, ambientes, grades, limites, portas, corredores, paredes, cantina, cores, cheiros, pessoas?

Sair pela escola mapeando os locais escolhidos pelos estudantes, marcar os lugares escolhidos com a própria imagem.

Assistir ao filme “Close Up Fotógrafos em Ação”.

Provocar conexões entre o filme a experiência vivenciada pelos estudantes durante a proposta de criação das imagens pela escola.

Pedir para os alunos trazerem, na próxima aula, o material para construção de uma câmara escura:

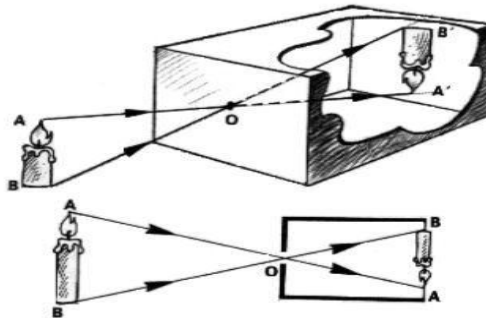
- 1 pequena caixa de sapatos
- 1 pedaço de papel vegetal
- 1 tesoura
- 1 prego
- 1 tubo de cola de papel
- 1 vela

Aulas 06 e 07

Construir a câmara escura, seguindo os seguintes passos:

Passo 01 – Fechar bem, lacrando toda a tampa da caixa; abrir uma janela de aproximadamente 6X6 centímetros em um dos lados menores da caixa.

Passo 02 – Dar um furo bem pequeno do outro lado da caixa na direção da janela, conforme desenho.



Passo 03 – colar, fechando toda janela aberta, com o papel vegetal.

Passo 04 – Testar a câmara escura: com cuidado acenda a vela e mire o orifício em direção a vela; para melhor efeito, coloque umas abas pretas em volta da janela (visor).

Passo 05 – Sair pela escola, testando, com os alunos, a câmara escura (de preferência em dia bem ensolarado).

Aulas 08 e 09

Exibir o filme “Fotografia: Caçadores da Alma” – 2ª Temporada - Episódio 3 - Arte e Valor.

Conversar sobre dúvidas levantadas durante a exibição do filme.

Em seguida, passear em silêncio, novamente, pela escola, fotografando, com celular e/ou suas câmeras domésticas, estimulando os alunos a registrarem, de maneira diferente, suas fotografias com um outro olhar, como viram no filme.

Aula 10

Retomar as fotografias feitas pelos alunos com as câmeras fotográficas e celulares. Apresentar seus repertórios visuais, confeccionando uma cartografia da escola, que pode ser pensada de duas formas: o próprio espaço da escola como suporte ou

outros materiais. Importante retomar os conceitos já experienciados em relação aos espaços, ambientes, grades, limites, portas, corredores, paredes, cantina, cores, cheiros, pessoas.

Aula 11

Convidar os estudantes de outras salas, a comunidade escolar para apreciarem as ações realizadas pela turma.

Provocar debates, discussões e reflexões sobre o uso do espaço, como cada sujeito imprimiu nas imagens sua visão sobre a escola: O que eles revelaram, por meio da fotografia, como habitam a escola em que estudam? A escola lhe pertence? A escola existe sem alunos? Como olham, sentem a sua escola? Que espaço é esse?

Sugestão:

Os alunos organizam uma exposição na escola, incluindo a utilização das câmaras escuras como atividade prática.

Referências:

A História da Fotografia. History Channel, Marvel Wonders. 23 de fev. de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GyNa1OdJJcg&t=254s>>. Acesso em: 29 de mai. de 2018.

Câmara escura com lente: experiência de Física. Manual do Mundo. Disponível em: <<http://www.manualdomundo.com.br/2012/07/camara-escura-com-lente/>>. Acesso em: 05 de jan. de 2018.

DREYFUS, Rebeca. **Close Up, Fotógrafos em Ação**. YouTube, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m56VHFIXWdE&t=1s>>. Acesso em: 13 de abr. de 2018.

RODRIGUES, Simone; TENDLER, Silvio. Fotografia aliada a outras artes. *Youtube*, 19 abr. 2017. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=AKI3XZu124I. <<https://www.youtube.com/watch?v=AKI3XZu124I&list=PLOodpHroCYNHdM2BaQXPzDRpc6eWcVhNd&index=7>>. Acesso em: 14 de agosto. 2017.

TENDLER, Silvio. **Caçadores da Alma**. Youtube, 12 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FEcnzmtOGd0>>. Acesso em: 04 de jun. 18.